

Direita embrutecida e oligofrênica

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo

O artigo analisa alguns aspectos discursivos do espectro político de direita, apresentando suas contradições ideológicas que sustentam uma compreensão mitificada da realidade, assim como suas inerentes disposições autoritárias que naturalizam as desigualdades sociais.

Palavras-chave: Direita; Reacionarismo; Desigualdade Social; Ultraliberalismo.

Grossed and oligofrenic Right

Abstract

The article analyzes some discursive aspects of the right-wing political spectrum, presenting its ideological contradictions that support a mystified understanding of reality, as well as its inherent authoritarian dispositions that naturalize social inequalities

Key words: Right; Reactionism; Social Inequality; Ultraliberalism.



* RENATO NUNES BITTENCOURT é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor da FACC-UFRJ.

Alguns partidos direitistas se denominam republicanos, progressistas ou mesmo trabalhistas, mas tais palavras não correspondem aos fatos e aos seus parâmetros organizacionais. Esses partidos, são, em verdade, cada vez mais entranhados com as reconfigurações fascistóides e seus experimentos necrófilos de destruição da vida em sociedade e da própria biosfera na qual estamos inevitavelmente inseridos. Vide que as pautas direitistas ratificam todos os arroubos autoritários, disruptivos, truculentos e devastadores gerenciados por atores sociais descompromissados com a efetivação do bem-estar comum. Realização de Direitos Humanos plenos, preservação ambiental e sustentabilidade, defesa da integridade dos povos originários, qualificação de serviços públicos para construção de uma vida cidadã, realização da reforma agrária, paridade salarial, mitigação das desigualdades sociais por políticas públicas eficientes são disposições alheias ao projeto direitista, que somente legitima a rentabilidade material dos seus sócios plutocratas e pouco se importa com o sofrimento concreto das populações socialmente desassistidas que vivem diariamente sob o risco da agressão imposta pelas forças repressivas ao serviço dos poderes estabelecidos.

A mentalidade direitista naturaliza a violência contra os pobres por considerar esses segmentos sociais avessos ao progresso econômico e, tanto pior, corpos indóceis potencialmente perigosos para a perpetuação das desigualdades vigentes na ordenação capitalista do modo de vida, intrinsecamente incapaz de promover condições ótimas para a satisfação global

¹ Ainda que em um contexto histórico distinto, a citação de Mandeville é extremamente conexa com a mentalidade antissocial do reacionarismo ultraliberal: “Para tornar a sociedade feliz e o povo tranquilo, sob as mais humildes circunstâncias, é necessário que um grande

das demandas humanas. O espectro da direita exige que o pobre seja um cidadão mínimo, que trabalhe incondicionalmente para suprir as funções subalternas que lhes são outorgadas pelo establishment burguês e assim jamais concorra para qualquer alteração substantiva nas estratificações sociais. Quanto mais precária a vida do pobre, quanto mais intensa for a ignorância geral que lhes envolva, melhor para os interesses da plutocracia capitalista que assim submete aos seus pés sangrentos a massa miserável que luta por sua parca subsistência material, a única que lhe é reservada na reacionária divisão econômica do capitalismo ultraliberal. Por isso as classes reacionárias depreciam os espaços educacionais includentes que possibilitam paulatinas mudanças nos quadros operacionais do mercado de trabalho.¹ Universidade Pública, conforme a doentia consciência da direita xucra, é espaço de pornografia, baderna, balbúrdia, inclusive em cursos superiores que preparam a cada semestre mais e mais estudantes para os quadros organizacionais das empresas capitalistas que comandam a nossa estruturação econômico-produtiva: “Nenhuma lucidez será perdoadada. Pensar sobre algo tornou-se perigoso, em especial para aqueles que vivem da confusão e da exploração da ignorância alheia” (TIBURI, 2019, p. 117).

A direita xucra se arroga defensora dos interesses da família (apenas a dita “tradicional”, diga-se de passagem, desconsiderando as múltiplas formas de experimentação da vivência de família). Imbuída de um senso conservador, os apólogos direitistas solapam qualquer

número de pessoas seja ignorante e também pobre. O conhecimento amplia e multiplica nossos desejos, e quanto menos coisas um homem desejar, mais facilmente suas necessidades podem ser supridas” (MANDEVILLE, 2017, p. 297).

contestação da consagrada autoridade patriarcal. Essa defesa da família “tradicional” é puramente retórica, pois toda governança direitista, seja a mais conectada com os mandamentos econômicos liberais, seja a mais atrelada ao espírito reacionário ou mesmo em um centauro dessas duas vertentes, pouco faz para a promoção plena da qualidade de vida da família, imputada como a base da sociedade vigente. A grande preocupação hipócrita apresentada pelo demagogo direitista está na defesa da moral e dos bons costumes e na verborragia agressiva contra qualquer ameaça que atente contra sua propriedade privada. Não podemos ainda deixar de ressaltar que, sob o manto do moralismo patriarcal tão apreciado pela direita xucra, acobertam-se os feminicídios e horrendos casos de pedofilia. A direita xucra culpabiliza a mulher vitimada pelo estupro e pretende lhe cercear a realização do aborto legal em nome da defesa da vida do feto. A personalidade autoritária-reacionária própria do ideário direitista considera que os membros de sua família são propriedades privadas sem autonomia, coisas que estão ao dispor para usufruto incondicional conforme as conveniências particulares. Quem contestar essa ação opressora torna-se inimiga da “liberdade” do “cidadão de bem”. A direita xucra se arroga defensora da honra da família tradicional, mas na verdade apenas promove a abastança das famílias ricas, alheias ao mal-estar social decorrente da elevação do custo de vida. A direita xucra é calcada pelo ressentimento contra a sexualidade sadia e sua expressão autônoma. Celibatários Involuntários, verdadeiros reativos impotentes, expressam o ódio contra as mulheres emancipadas pois acreditam que elas são as culpadas pela indigência sexual que lhe afeta. O moralismo enfadonho da direita xucra julga o cu alheio em uma agenda ideológica fissurada no caráter

anal da vida, mas pouco se importa com a pobreza real da sociedade brasileira. Mais armas, menos comida.

As soluções ofertadas pela direita xucra para a sustentação da estrutura família são espúrias. Para se evitar os riscos da violência social, basta que cada membro porte armas de fogo, os sustentáculos da sacralidade da propriedade privada. Boa família é família militarizada. Para se evitar a contaminação ideológica dos filhos pela ação doutrinária dos professores, eis a solução magistral: educação doméstica integral, pois assim filtra-se todo tipo de conteúdo subversivo e se submete o rebento ao discurso tacanho e unilateral dos seus pais cognitivamente limitados, configurando-se como um procedimento nitidamente antimoderno e anti-iluminista (cabe lembrar que o discurso oitocentista defendia a educação pública e o afastamento mais duradouro possível da criança em relação ao espaço familiar para se evitar sua contaminação ideológica por preconceitos anticientíficos e por questões de higiene).

A governança direitista sequer é capaz de proporcionar para a organização familiar as condições básicas para a obtenção de qualidade de vida em decorrência da inflação galopante, da perda da capacidade de compra, do desemprego estrutural e da precarização profissional quando se conquista uma oportunidade de inclusão (provisória) no mercado de trabalho cada vez mais extenuante e autofágico. O pensamento mistificador da direita xucra considera que só é pobre quem quer. “Mais empregos, menos direitos”: um mote autoritário que somente alimenta a sanha de lucro da plutocracia e mergulha inúmeras famílias na incerteza existencial, na insegurança alimentar e na miserabilidade social. A pobreza é essencial para a maquinação econômica ultraliberal, pois as

necessidades vitais básicas do indivíduo obrigam-no, em um quadro de falta de alternativas, a se sujeitar aos mais degradantes modos de trabalho para obter o mínimo necessário para a sua satisfação material, mínimo necessário cada vez mais fluido. Conforme argumenta Marilena Chauí,

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como “cultura senhorial”, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade (CHAUÍ, 2007, p. 84).

O trabalho precarizado, parcamente remunerado e que se desenvolve em condições de periculosidade e de insalubridade, atenta contra a estabilidade da tão celebrada organização familiar amada pelo “cidadão de bem”. Em caso de invalidez ou de morte do membro economicamente ativo da família reserva-se apenas uma longa luta jurídica por pensão que jamais compensa a abnegação dedicada ao emprego (o capitalismo ultraliberal entoia o cântico das sereias para glorificar a exaustão metabólica do trabalhador, o herói que labuta pela causa da empresa sanguessuga, que sempre descarta aqueles que são profissionalmente improdutivos e jamais cumpre com rigor sua contraparte em caso de sinistro). A

destruição dos direitos trabalhistas em nome de sua pretensa “modernização” gera situações aviltantes análogas ao do regime escravocrata, mas agora é dito cinicamente que patrões e empregados podem negociar diretamente sem intermediários burocratizantes e em condições plenamente isonômicas.

A arma do patrão sempre está apontada para o seu funcionário, que não pode reclamar jamais, pois corre risco não apenas de ser demitido, mas de ser morto e ter seu cadáver ocultado pela ação truculenta dos capangas ao serviço do escroque plutocrata. Eis a modernização laboral que vigora no sistema ultraliberal. Qualquer ensejo de se minorar os malefícios econômicas promovidas pelo autoritarismo de mercado é vituperado como “comunista”, rudimentarismo discursivo que alcança inúmeras consciências adestradas por figuras demagógicas que atuam como suporte ideológico para a grande obra disruptiva dos contestadores da vitalidade democrática. A direita xucra, no fundo, teme justamente aquilo que ela tanto denuncia existir em seus opositores em seu bem orquestrado processo de manipulação discursiva sobre a realidade. O fascismo institucionalizado no tecido social brasileiro é uma verdade, o apregoado comunismo do petismo e mesmo de adversários pontuais do bolsonarismo é uma mistificação. Toda direita tende a migrar para o ponto extremo quando a ordem econômica que granjeia fartos dividendos para a plutocracia é modificada, mas nem toda esquerda é revolucionária. Eis a grande diferença programática que a direita xucra insiste em confundir justamente para mobilizar suas milícias ensandecidas para um sonhado golpe de ruptura institucional. A direita xucra odeia a democracia liberal que se pauta justamente pela defesa das liberdades individuais e da livre-iniciativa. Para a

direita xucra a liberdade de ação está destinada apenas aos ladroes da fé, aos grupamentos milicianos, aos rentistas, aos grileiros, aos empresários acanalhados.

O capitalismo não está em crise, pelo contrário, está mais pujante do que nunca, pois a rentabilidade das elites se amplia em quaisquer circunstâncias, seja nas guerras, seja nas pandemias. A conjugação mortífera entre ultraliberalismo e reacionarismo estabelece uma política de asfixia da família desprovida de maior estofo financeiro. O lobby das empresas vendedoras de planos de saúde cada vez mais superficiais desassiste qualquer tratamento custoso e coloca em risco de morte pessoas portadoras de doenças que exigem acompanhamento médico constante. Quem ratificou esse golpe mortal contra a família brasileira foi justamente a direita xucra que, além de pulverizar o sistema público de saúde, torna cada vez mais inviável para a base da pirâmide receber tratamento médico privado. Mais do que um procedimento fascista operado pela direita reacionária que se traveste de defensora da família, da moral e dos bons costumes, constatamos aqui uma operação que em nada deve ao nazismo e sua engenharia da morte. Na economia ultraliberal (que sempre depende do braço autoritário para instaurar suas ações), quem não é rentável não merece viver. Patetas direitistas ultraliberais, para que envernizem suas imagens públicas com caracteres demagógicos que encantam as consciências axiologicamente desorientadas, apelam para o senso patriótico dos empresários para que renunciem aos seus lucros exorbitantes em nome do bem comum. Nada mais contraditório com a nefanda agenda ultraliberal, que justamente legitima o egoísmo empreendedor, a busca pela lucratividade e a afirmação plena do

direito individual acima dos interesses sociais. Apelar para o senso cívico-solidário do empresariado é apelar para que o leão não devore a sua presa. Sem a interferência direta do poder público e seu papel constitucional de regulador social, a lógica do mercado apenas faz ampliar o hiato entre a minoria próspera e a maioria pobre. Mesmo a democracia cristã, cuja teoria é fundamentada na Doutrina Social da Igreja e propõe a conciliação de classes em nome da boa harmonia social e da conservação da ordem familiar, é incapaz de controlar a sanha financeira do grande empresariado. Palavras seráficas não aplacam os corações encouraçados dos plutocratas alheios aos problemas e contingências de nosso mundo ordinário incivilizado. Lucro acima de tudo.

A liberdade ultraliberal que a direita xucra tanto ama é a liberdade de ser um idiota autocentrado, um eu narcísico desprovido de compromissos sociais. O direito de ir e vir, mesmo em circunstâncias sanitárias que exigem alterações rígidas na conduta social, jamais pode ser alterado, assim pensa a mentalidade ultraliberal que não reconhece a dignidade política da solidariedade e da cooperação interpessoal. Glorifica-se um patriotismo abstrato e mitificado que não corresponde aos fatos. Veste-se um verde-amarelo que beira ao kitsch, mas sem compromisso real com as instituições republicanas. Bandeira nacional que acoberta os crimes sociais e que serve de mortalha para os que não são economicamente inviáveis. A direita xucra anseia por um patriotismo individualizado, pois somente assim o consumidor-cidadão poderá agir de maneira desembaraçada sem qualquer comprometimento com a causa pública, o genuíno norte da vida social. Patriotismo mentecapto que odeia toda ordenação constitucional e que não poupa esforços para destruir a biosfera e o patrimônio

público brasileiro. Patriotismo necrófilo que luta pela morte da sociedade brasileira. O patriotismo fátuo da direita xucra apela para os sentimentos difusos de um segmento social que odeia a estrutura democrática da sociedade e que deseja apenas a perpetuação dos seus privilégios e prerrogativas. Ora, a verdadeira ação patriótica é imbuída de senso coletivo na ação social e exige um razoável índice de altruísmo de modo que se consolide as condições estruturais necessárias para a erradicação da subalternidade dos invisíveis sociais. Pátria grande é pátria sem miséria e com ordenamento democrático substantivo.

Apregoa-se uma moral cristã cretinizada que somente apela para o espírito de liberdade individual, um contrassenso. Não há espaço para a fraternidade nem para a igualdade. E assim o sofrimento real de uma grande massa humana desprovida das condições basilares de subsistência se perpetua e se amplia a cada dia, para completa indiferença dos apólogos do capitalismo cristianizado conforme os paradigmas da teologia da prosperidade que somente beneficia um seleto grupo de eleitos, muitos deles imersos em práticas ilícitas. Conforme esse mandamento econômico, só é pobre quem quer, isto é, quem não se submete ao crivo do padrão explorador, que, em sua modéstia, fornece empregos para o trabalhador em troca de um salário parco e insustentável.

Terceira via, isto é, direita travestida

A mídia hegemônica, indubitavelmente adepta da cartilha econômica liberal, não hesita em envernizar as ações truculentas de governanças autoritárias que de alguma forma garantam a agenda de desajustes estruturais convenientes para a lógica do mercado e sua lucratividade galopante. A democracia só é válida quando favorece a rentabilidade financeira. A criação da aberração

ideológica chamada de “terceira via”, que forja a artificial polarização entre o extremismo agressivo da direita xucra e o reformismo conciliatório de centro-esquerda, escamoteia os interesses reais das organizações que apregoam “reformas deformadoras” na coisa pública brasileira. No cenário eleitoral do Brasil devastado pelo consórcio entre agenda econômica ultraliberal e autoritarismo governamental fascistóide, somente o projeto bolsonarista é extremista (não obstante sua cooptação pelo fisiologismo parlamentar de partidos oportunistas, o dito “centrão”, que, no fundo, representa os agenciamento das pautas direitistas, apresentadas ora de maneira suavizada, ora de maneira nua e crua, sempre conforme as circunstâncias do momento). A (mal)dita “terceira via” tão sonhada pelos ultraliberais mais iluminados dos setores hegemônicos da sociedade brasileira deve se afastar de qualquer projeto político de reconquista dos direitos sociais perdidos (qualquer tentativa do tipo é categorizada como “populismo de esquerda” pelos ideólogos liberalóides) e assim aprofundar essa agenda privatista pró-mercado sem fazer uso, todavia, das armas vociferantes do bolsonarismo. Anseia-se por uma governança economicamente ultraliberal que, no entanto, se submeta ao crivo constitucional. Um ultraliberal destruidor do patrimônio público brasileiro que se porte de maneira civilizada diante das câmeras e que não ameace nosso tecido institucional. O ogro avassalador deve ceder lugar ao asséptico engravatado de voz polida que faça o mesmo papel dilapidador da coisa pública brasileira mediante o processo acelerador das privatizações sem a grosseria que tanto incomoda os ultraliberais mais “civilizados”. Em quaisquer circunstâncias temos quadros de dissolução do bem comum nacional e ambos são completamente perigosos,

diferenciando-se apenas pela metodologia empregada para tal fim. As bravatas disruptivas do bolsonarismo são deveras incômodas para qualquer pessoa de bom senso e comprometimento republicano, mas os efeitos destrutivos realizados por um ultraliberal mais afável midiaticamente são similares ao da barbárie fascistóide. No calor eleitoral, quando o dito projeto capitalista ultraliberal “bem-comportado” evidenciar a sua limitação, os cordeirinhos pró-mercado não hesitarão em depositar suas fichas e seus votos na candidatura disruptiva que incomoda com seu teor nauseabundo e raivoso que causa profundo mal-estar na hora do jantar. Mas tal operação não é difícil de ser realizada pelos liberalóides e sempre há candidaturas dispostas a realizar os propósitos escusos que beneficiam a grande burguesia em detrimento do restante da população.

Considerações finais

Talvez em alguns países mais avançados institucionalmente exista alguma segmentação política de direita comprometida com os paradigmas constitucionais. Se assim for há um grande abismo desses países afortunados para com nossa indigência política contaminada por uma súcia milicianateocrática-corporativa que atua, legisla e julga majoritariamente para melhor satisfazer os objetivos concretos de agrupamentos insistentemente antidemocráticos. Na conjuntura política de nosso ultraliberalismo econômico alinhado com o reacionarismo social e o moralismo filisteu do conservadorismo dos costumes, os nossos partidos programáticos de esquerda são as barreiras imediatas contra essa avalanche disruptiva, ainda que tais ações impeditivas se assemelhem a de se apagar alguns focos de incêndio para que se evite

males ainda maiores para nossa combatida sociedade. Confiar em um comprometimento republicano-progressista de figuras proeminentes da dita direita liberal é um empreendimento temerário, bastante arriscado, pois os financiadores dessas pautas são forças econômicas que prosperam com nossa exaustão, nossa doença, nossa morte. Confiar piamente nos escalões superiores do poder judiciário para conter ameaças golpistas de indivíduos e de organizações autoritárias-fascistóides é dançar em piso de cristal. Ganhar as eleições sem mudar as bases estruturais da sociedade, ainda que tais mudanças sejam restritamente reformistas, mantém vivas as energias disruptivas que atentam contra a sanidade democrática que almejamos para o porvir. Daí a importância capital de os partidos de esquerda, partidos comprometidos com a democracia substantiva, permanecerem constantemente mobilizados pela defesa dos interesses concretos do povo brasileiro e jamais capitulem diante das maquinações de gabinetes e acordos espúrios com os segmentos plutocráticos que somente visam o lucro em suas negociatas.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

MANDEVILLE, Bernard. **A Fábula das Abelhas, ou vícios privados, benefícios públicos**. Trad. de Bruno Costa Simões. São Paulo: Ed. UNESP, 2017.

TIBURI, Marcia. **Delírios do Poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Recebido em 2022-06-20

Publicado em 2022-07-01